

CIDADE DO SOL E MILENARISMO

Alberto Filipe Araújo

(Universidade do Minho)

Francisco de Sousa e Cunha

(Mestre em Educação)

Pode haver a impressão de que as utopias nos afastaram do milenarismo, mas é só uma impressão, porque, na realidade, as utopias foram um dos canais pelos quais se insinuou nas mentalidades ocidentais a esperança de uma felicidade terrena e colectiva para a humanidade de amanhã

Jean Delumeau (1997 [1995]): 341

Introdução

Descrevendo uma sociedade que atingiu a felicidade graças a uma reforma global operada também através da educação, a *Cidade do Sol* de Tomás Campanella é ainda, hoje, quatro séculos volvidos sobre a sua composição, uma obra que suscita interesse e estimula a pesquisa. Alvo de um impressionante número de estudos, desde a segunda metade do século passado, esta utopia com que actualmente mais se confunde o nome do seu autor, continua, no entanto, a ser motivo de polémica sempre que se trata de estabelecer o seu significado profundo ou o valor que assumia para o seu criador. Tal ocorre, tudo parece indicar, devido ao facto de a grande maioria dos estudiosos a encararem quer como utopia literária — puro jogo intelectual —, quer como utopia social — construção virada para as reformas e a planificação — e a submeterem, invariavelmente, a um exercício de pura análise racional a que ela não é, de todo, redutível. Com efeito, a sua compreensão requer ainda todo um outro tipo de abordagem que, projectando sobre ela uma nova luz, consiga revelar, por baixo da construção lógica que repete os esteriótipos da utopia literária, o mundo simbólico e complexo das propostas inovadoras saídas do fundo milenarista. Por outras palavras, a *Cidade do Sol* influenciada pela doutrina joaquinista das "Três Idades" e dos "Homens Espirituais"

procura, mediante um plano educativo radical, promover a ideia de um "reino milenar" e a sua concretização numa Terra mais justa e mais humanizada.

Deste modo, dividiremos o nosso texto em três partes: a Primeira tratará da caracterização do "cenário milenarista"; a Segunda ocupar-se-à do contexto histórico e da obra propriamente dita; e a Terceira procurará explicitar os traços milenaristas contidos na *Cidade do Sol*.

I. O Cenário Milenarista

Tendo em conta os trabalhos de Jean Delumeau, especialmente os *Mille Ans de Bonheur* (1995) e *La Peur en Occident (XIV^e-XVIII^e siècles)* (1993), e de Jean-Pierre Sironneau, *Sécularisation et religions politiques* (1982) e *Figures de L'Imaginaire Religieux et Dérive Idéologique* (1993), podemos, pois, referir que o milenarismo, numa perspectiva muito ampla, repousa na crença da ressurreição dos justos, os quais vivem com Cristo na terra e num ambiente de paz, de justiça, de felicidade, de repouso, e de abundância de alimentos, uma espécie de "Idade do Ouro"¹ durante um período de mil anos. Esta crença no reino milenar, com raízes nas esperanças messiânicas de Israel (Isaías, Ezequiel, Daniel, entre outros), é transmitida aos cristãos pela mão de São João no seu Apocalipse². O fundo milenarista, veiculado pela profecia de S. João, encontra eco, ainda que com algumas diferenças, em S. Barnabé, S. Justino, St^o Ireneu e Lactâncio, para ser condenada por S. Agostinho na sua *Cidade de Deus* (cap. XX). Apesar desta condenação, ele reaparece, em finais do século XII, nas obras de Joaquim da Flora (1135-1202), particularmente na sua *Teologia da História*, sob a forma da teoria das Três Idades ou Épocas: a primeira diz que o mundo viveu sob a Idade do Pai (Antigo Testamento: a revelação da Lei), em seguida sob a Idade do Filho (Novo Testamento: a revelação da Redenção), entrando a humanidade, em 1260, na Idade do Espírito (marcada pelo aparecimento da Ordem dos "Viri Spirituales", isto é dos "homens espirituais"³): "Então os monges governarão o universo e a humanidade converter-se-à à pobreza evangélica. Isso será o *sabbat*, a idade do repouso e da paz. O universo tornar-se-à um mosteiro povoado de santos [refere-se à Ordem dos "Viri Spirituales"] que celebrarão a glória do Senhor, e este reino durará até ao último Juízo" (Delumeau, 1993: 200)⁴.

Jean-Pierre Sironneau refere que é próprio desse cenário postular um estádio de pureza originária (estádio paradisíaco), seguido de uma ruptura ou queda que é travada pela vinda de um messias salvador e que, posteriormente, estabelecerá o reino de Deus sobre a terra durante mil anos onde a harmonia original será re-estabelecida. Este novo Éden ("pureza original") a inaugurar não é outra coisa que o Reino milenário, a Terra sem mal ou a Terra prometida. Se atendermos às características assinaladas, não podemos, pois, afirmar que a teoria Joaquimita das Três Idades partilhe do cenário milenarista (1980: 15-16). É por isso mesmo que Sironneau, no capítulo do seu livro *Figures de L'Imaginaire Religieux et Dérive Idéologique* dedicado à visão apocalíptica de Joaquim da Flora, sublinha que "o Joaquinismo não é no sentido próprio do termo um messianismo (não se espera um retorno de um messias), nem um verdadeiro milenarismo (não há cataclismo que inauguraria um reino de mil anos); ele é a vinda do reino do Espírito como última figura da liberdade" (1993: 157).

Se quisermos completar a caracterização da estrutura milenarista enquanto tal, podemos referir que ela assenta numa dupla abertura ao tempo, a saber: o tempo mítico das origens e o tempo mítico do *eschaton*, isto é, do fim dos tempos. Neste sentido, consideramos que o milenarismo se deixa apreender pela concepção cíclica do tempo que nos diz

que não se pode separar a primeira estrutura da temporalidade, o prestígio das origens, da segunda, a intenção escatológica que se manifesta mais precisamente nos mitos do fim dos tempos; esses mitos contam um fim do mundo que teve já lugar e que deve reproduzir-se no futuro; eles evocam os cataclismos originais (dilúvios, tremores de terra, incêndios) e, eles anunciam uma recriação total do mundo, esta será, por sua vez, seguida de uma nova destruição. A perfeição dos começos e o fim do mundo desenrolam-se com intervalos regulares (1993: 80).

Depreende-se, portanto, daqui que no cenário milenarista o mais importante não é, como se poderia julgar à primeira vista, a "ideia de fim", mas, antes, a certeza de um "novo começo". Este começo ainda que evocando a "perfeição dos começos", é já a sua realização e por isso pode ser encarado como "perfeição vindoura". A tudo isto encontra-se subjacente o tema da decadência e da degradação, dado que o "novo começo" (o "século áureo" de Campanella) ou a regeneração final é sempre precedida de cataclismos, corrupção, degeneração política, social, moral e económica e só depois é que ele acontecerá por intermédio de uma ordem contemplativa espiritual (os *Viri Spirituales* de Joaquim da Flora), de um herói ou de um messias ou, mesmo, pela conjugação dos dois.

II. Contexto da *Cidade do Sol*

Em 1598, forçado a regressar à sua Calábria natal, após dez anos de uma atribulada errância pelo resto de Itália, Campanella interpreta circunstanciais ocorrências climatéricas e astronómicas, então verificadas — inundações, terremotos e o aparecimento de um cometa, como sinais indiciadores da iminência dos novos tempos que se avizinham com a chegada do ano 1600, o qual, nas suas contas, em resultado da conjugação dos números sete e nove, se lhe apresenta como um ano fatal.

Assim, e convencido que era essa a missão que lhe estava destinada, decide emancipar a Calábria da tutela espanhola e transformá-la em posto avançado do próximo reino de Deus sobre a Terra. Com esse propósito, fomenta e organiza uma conjura apazada para finais de Agosto de 1599, data após a qual teria início a preparação da "nova terra" organizada segundo os princípios de uma verdadeira "Cidade de Deus". Por traição de dois delatores, a revolta é descoberta e Campanella é preso e trazido para Nápoles para responder perante a justiça civil e eclesiástica.

Depois de restabelecido das ferozes torturas que lhe são infligidas com vista a apurar a autenticidade do estado de loucura, entretanto, simulada e debaixo da tensão com que aguarda a conclusão do processo que o há-de condenar a prisão perpétua irremissível, Campanella concebe e escreve a *Cidade do Sol*. Reflexo da conjura, a obra surge em desespero de causa, como o último recurso de alguém que tinha tentado realizar em pessoa a profecia do milénio e que agora, na impossibilidade de lutar, antecipa na projecção da mente. Reevocando o passado, era certamente a racionalização da falhada conjura, mas projectada no futuro, oferece a visão da sociedade com que sonhara e que, assim o espera, se há-de cumprir. Nascido para a acção e profundamente convicto, Campanella, que já antes tirara da expectativa do milénio o impulso para a empresa da conjura, voltava à mesma fonte, agora, depois de preso, buscar a fé para desenhar a cidade perfeita por cuja concretização esperará toda a vida.

Do texto original, em italiano, redigido em 1602, são, actualmente, conhecidas quinze cópias manuscritas, todas presumivelmente compostas nos primeiros decénios do século

XVII, isto é, ainda durante a vida do filósofo calabrês. Ora, acontece que, em três destas cópias, o breve título original *Città del Sole* aparece, significativamente, ampliado do seguinte modo: *La Città del Sole di fra Thomaso Campanella, cioè dialogo di Republica nel quale si disegna l'idea di riforma della Republica Cristiana conforme alla promessa di Dio fatta alle Sante Catherina e Brigida*. Perante isto, e não sendo plausível que tais singularidades possam ser atribuídas ao mero arbítrio ou desatenção do copista, o mais provável, como sugere Norberto Bobbio, é tratar-se de acrescentos pontuais que, por vontade do próprio Campanella ou por sugestão dos amigos que com ele privavam e o queriam divulgar, eram introduzidos naquelas cópias que se destinariam, por exemplo, a instâncias religiosas, protectores mais escrupulosos ou até a uma possível publicação. É que, com estas se impunham maiores cautelas no sentido de atenuar quer o impacto negativo das ideias que defendiam, nomeadamente, a reforma da Igreja, quer ainda o carácter potencialmente herético das que punham em dúvida verdades dogmáticas, como era o caso, entre outros, da existência do céu e do inferno. Numa carta a Filipe III de Espanha, datada de Abril de 1607, o Dominicano escreve:

as minhas cogitações, Magestade Sagrada, foram desde criança sobre esta renovação do século; e guio-me pelas palavras de são Vicente, de santa Brígida, de santa Catarina, de são Gregório, do abade Joaquim e de outros astrólogos e filósofos de todas as nações (1927: 77).

Deste modo, quer tenha sido para dissimular ou para legitimar o discurso, o facto é que a alusão às duas santas visionárias (Catarina e Brígida) que, no século XIV, apelavam ao arrependimento e à regeneração da Igreja, porque brevemente iria ser punida pela vinda do Rei Salvador, não pode deixar de ser vista como a proclamação explícita e inequívoca da inspiração milenarista da obra.

III. Traços milenaristas na *Cidade do Sol*

Após a sua morte e dada a sua notoriedade, as profecias joaquinistas foram largamente difundidas, dentro e fora de Itália, entre outros, pelas ordens franciscana e dominicana entusiasmadas com o futuro de dominação que nelas estava destinado às ordens religiosas, em detrimento do clero secular corrupto e depravado (Delumeau, 1997 [1995]: cap. (s) III e IV e Lubac, 1979 (1º vol.) e 1981 (2º vol.)).

Séculos mais tarde, Campanella, influenciado pela tradição joaquinista, tinha como certo que "estão iminentes no mundo grandes acontecimentos" produzidos por uma revolução⁵ que ocorrerá após a grande conjunção astrológica e que "confirmará o decreto de quem estabeleceu a mutação e a renovação da Terra" (1990: 84-85). Num memorial ao rei de Espanha, di-lo nos seguintes termos:

Prometo fazer um livro onde se demonstre por razões políticas e naturais, por profecias divinas e humanas, e por universal consenso dos sábios do mundo, ser já chegado o tempo que, depois de tantas perturbações ocorridas no género humano pela divisão de principados e várias seitas, há-de reduzir o mundo, debaixo de uma só fé católica, a uma monarquia universal felicissima, cantada pelos poetas como século áureo, prevista pelos profetas como Jerusalém libertada da Babilónia, descrita pelos filósofos como estado de óptima república ainda não vista, desejada pela Santa Igreja, para que se faça a vontade de Deus na terra 'como no céu', e esperada por todas as nações para fim dos longos trabalhos humanos, como préâmbulo da glória celeste (1927: 158).

Nesta longa profissão de fé milenarista, onde se subentendem claramente os dois grandes prazos escatológicos, encontram-se também três expressões que vão, igualmente, aparecer na *Cidade do Sol* para designar, justamente, o que esta fórmula "preâmbulo da glória celeste" traduz e que mais não é que o período intermédio de consolo anunciado pelo abade de Flora. São elas: *século áureo*, *monarquia universal felicíssima* e *estado de óptima república*. A primeira, que é a expressão mais usada por Campanella para evocar o tempo de paz e felicidade anterior ao juízo final, aparece encoberta sob a ambígua designação de *século vindouro* (C. S.: 76) a qual, inserida num contexto equívoco e acompanhada dos termos "cem anos" e "último século", facilmente induz em erro o leitor desprevenido que, porque a obra foi escrita no seu início, poderá ser levado a pensar que se trata de uma alusão ao século XVII. É, porém, apenas mais um dos já referidos subterfúgios tendentes a evitar as suspeitas de heresia que, no entanto, não é suficiente para esconder que se trata da profecia sobre o futuro reino milenar terrestre, como se comprova pela referência à *monarquia universal felicíssima*, apesar de também ela aparecer disfarçada sob uma mais discreta designação de "nova monarquia". Envolta na linguagem codificada da astrologia, é a seguinte a descrição do dito *século vindouro*:

quando, porém, e não custará muito, a abside de Saturno entrar no Capricórnio, a de Mercúrio no Sagitário, a de Marte na Virgem, após as primeiras e grandes conjunções e a aparição de uma nova estrela em Cassiopeia, surgirá uma nova monarquia, verificar-se-á a plena reforma das leis e das artes, entender-se-ão os profetas e, no universo plenamente regenerado, a santa nação ver-se-á cumulada de toda a sorte de Deus (1990: 77).

Apesar das cautelas, não é difícil perceber que os pares *século áureo/século vindouro* e *Monarquia universal felicíssima/nova monarquia* são apenas diferentes modos de evocar o esperado tempo em que a terra regenerada viverá uma era de paz e felicidade extensível a todos os povos ou, o mesmo é dizer, atingirá aquele a que, como se viu, o Calabrês também chama o *estado de óptima república*. Nesta perspectiva e tendo em conta que *óptima república* é, precisamente, a expressão pela qual Campanella, por diversas vezes, se refere à *Cidade do Sol* — como, aliás, se depreende do apêndice escrito em sua defesa e intitulado *Questões sobre a Óptima República* —, resulta, finalmente, claro não só que a obra apenas adquire o seu mais profundo significado à luz da expectativa milenarista, mas também que só nesse contexto se pode explicar a importância que tinha para o seu autor. Com efeito, quando, posteriormente, respondendo à questão segundo a qual não se pode alcançar exactamente a ideia de uma tal república, refere que "nem por isso se escreveu inutilmente, porque o que se propõe é um exemplo que deve ser imitado tanto quanto possível" (1990: 94-95), Campanella deixa, claramente, transparecer que ao escrevê-la, não só expusera as ideias em que acreditava, mas também apresentara o modelo de organização social e política a seguir, com vista à sua efectiva realização mediante um plano educativo adequado. Este, ao fundir o universalismo racionalista com a esperança messiânica, faz com que as propostas da *Cidade do Sol* devam ser encaradas como um programa de acção concebido em vista à transformação da ordem existente, escapando à expressão da pura utopia. Traduzindo a ideia da possibilidade de efectuar uma reforma global por meio de uma reforma educativa e destinada a servir de modelo normativo, a obra tem na componente pedagógica a mais nítida e elaborada das suas dimensões. Apresentando costumes alternativos, a intenção educativa está presente desde o desenho da cidade com as suas sete muralhas revestidas de pinturas sistematizando todo o

saber da época, passando pela organização política com todos os cargos, incluindo o do supremo magistrado *Sol*, a serem sempre ocupados pelos mais sábios e capazes e indo até à exigência da formação contínua de cada um dos cidadãos configurada nas sanções previstas no regime jurídico-penal para o crime de ignorância.

Entendendo o homem como o resultado conjunto da natureza e da educação e responsabilizando a ignorância por todos os males, na *Cidade do Sol* para além de todos os cuidados eugénicos, defende-se a universalização e a globalização da educação como única forma de formar um "homem novo" e uma nova ordem social e política. Visando a igualdade e a felicidade colectivas e sendo da incumbência do Estado, a educação é obrigatória para todos nas escolas de instrução e em todos os locais e situações em que a vida decorre: "Todos sem distinção são educados juntos em toda as artes" (1990: 25).

A *Cidade do Sol* assenta no princípio de que a educação, sendo um direito inalienável da espécie humana que a ninguém pode ser negado, é igualmente um dever de todos e cada um dos membros da sociedade. Integrando, alternadamente, estudo, trabalho, desporto e tempo livre e procurando realizar o ideal pedagógico de formar todo o homem e o homem todo, o processo educativo solar, sempre inacabado, é tarefa de todos e de toda a vida. Descrevendo um estado imaginário cuja principal função é a de incrementar a cultura e a instrução de todos os cidadãos, a *Cidade do Sol* afirma-se como uma modalidade de "cidade-educativa" configuradora da "educação permanente" (Cunha, 1997).

Embora a obra descreva um caso particular, a ideia e o modo de vida dos cidadãos eram, para Campanella, perfeitamente universalizáveis e concretizáveis como o comprova a convicção dos solares de que, um dia, "o mundo alcançará tanta sabedoria que todos os homens viverão como eles" (1990: 56). Preparar o advento desse futuro reino de paz e felicidade, passava, nos planos do visionário dominicano, pela construção de uma Monarquia Universal que reunirá todos os povos debaixo de uma mesma lei, o cristianismo purificado ou, o mesmo é dizer, passa pela edificação da *Cidade do Sol* alargada a toda a Terra. Liderar tal empresa é a tarefa do Papa que deverá contar, como instrumento da sua execução, com a indispensável ajuda de um braço armado secular. Campanella, que começará por esperar que fosse o do rei de Espanha, transfere, mais tarde, essa esperança para o rei de França e também para Richelieu. Sem desistir nunca, acaba por morrer convencido de que o executor do projecto de toda a sua vida será o futuro Luis XIV, acabado de nascer, e ao qual este vaticínio virá, justamente, a valer o célebre cognome de Rei-Sol.

Conclusão

Em suma, Campanella ao apresentar a *Cidade do Sol* como modelo a seguir e ao acreditar na sua concretização, assegura-lhe um lugar privilegiado no seu pensamento e confere-lhe, definitivamente, o estatuto de obra destinada a antecipar a visão, em tamanho reduzido, do estado universal que um dia realizará o reino de Deus sobre a terra. Trata-se, pois, de um "reino intermediário, uma espécie de Paraíso terrestre intercalado entre o tempo actual e a eternidade" (Delumeau, 1993: 199).

Notas

- 1 Sobre o tema da "Idade do Ouro", veja-se, para além da obra de Hesíodo (1928) intitulada *Tbéogonie. Les Travaux et les Jours. Le Bouclier*. Trad. de Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, p. 90 (vv. 110-126),

os seguintes estudos: Georges Gusdorf (1985) — Réflexions sur L'âge D'Or, Tradition de L'âge D'Or en Occident. In *Les Templiers, le Saint-Esprit et L'âge d'Or*. Lisboa. Gabinete de Estudos de Simbologia da Universidade Nova de Lisboa, pp. 8-23; Jean Rudhart (1981) — Le mythe hésiodique des races et celui de Prométhée. Recherche des structures et des significations. In *Du mythe, de la religion grecque et de la compréhension d'autrui*. Genève: Librairie Droz, pp. 245-281. [*Cahiers Vilfredo Pareto — Revue européenne des sciences sociales*, tome XIX - 1981- n° 58]; Jacques Le Goff (1984) — Idades Míticas. In *Enciclopédia Einaudi*. Trad. de Irene Ferreira Cabral. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 1, pp. 311-337.

- 2 "Em seguida, vi descer do Céu um anjo que tinha na mão a chave do Abismo e uma grande cadeia. ²Subjugou o Dragão, a Serpente antiga, que é o Demónio, Satanás, e acorrentou-o por mil anos. ³Lançou-o no abismo, que fechou e selou, a fim de que não seduzisse mais as nações até que se completassem mil anos. Depois do que Satanás deve ser solto por um pouco de tempo. ⁴Vi também tronos, e àqueles que se sentaram sobre eles foi concedido o poder de julgar. Vi ainda as almas dos que foram deapitados por terem dado testemunho de Jesus e por terem acreditado na Palavra de Deus, e as almas de todos aqueles que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e que não tinham recebido a sua marca na fronte ou na mão. Voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos. ⁵Os outros mortos não voltarão à vida até que se completem os mil anos. É a primeira ressurreição" (Ap. 20, 1-5).
- 3 "Les hommes spirituels, dans le troisième âge, remplaceront les clercs et les évêques. Joachim de Flore parle de la prédominance d'un ordre spirituel contemplatif, "ordre saint" enfanté par l'Église spirituelle; il s'agit d'une sorte de communauté messianique de la fin des temps annoncée par Daniel, d'un ordre monastique plus parfait que les précédents, "ordre des justes", identifié au "peuple des saints ou des justes" dont parle également Daniel. (...) Pour Joachim, l'Église visible n'est qu'un signe transitoire, non éternel, de l'espérance chrétienne, alors que son ordre contemplatif est, lui, placé sous le signe de l'Évangile éternel, d'une vie religieuse de plus en plus parfaite dans le sillage de la tradition monastique. Le terme d'Évangile éternel a d'ailleurs une signification eschatologique: il symbolise la perfection de la fin des temps, il est la réalisation parfaite de l'Évangile du Christ" (Sironneau, 1993: 159).
- 4 Sobre esta problemática, ver ainda Delumeau, 1997 [1995]: 43-50; Sironneau, 1993: 149-176; Mottu, 1977; Löwith, 1991 [1949]: 147-173 e Brun, 1990: 93-95.
- 5 Para Jean-Pierre Sironneau um movimento milenarista define-se pelos seguintes traços: "a promessa da salvação terrestre e colectiva; de promessas e de objectivos de carácter ilimitado (de um outro mundo, uma outra sociedade, um outro tipo de homem); a necessidade de uma ruptura violenta, de uma catástrofe ou de um cataclismo revolucionário considerado como o combate decisivo que instaurará um mundo transfigurado; uma enorme desproporção entre os fins almejados e os meios disponíveis" (1980: 16).

Referências bibliográficas

- BOBBIO, Norberto (1941). Introdução. In Tommaso Campanella (1941) *La città del Sole. Testo Italiano e Testo Latino*. A cura di Norberto Bobbio. Torino: Giulio Einaudi Editore.
- CAMPANELLA, Tomás (1990). *A Cidade do Sol*. Trad. de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores.
- CAMPANELLA, Tommaso (1927). *Lettere*. A cura di Vincenzo Spampanato. Bari: Gius. Laterza & Figli.
- CUNHA, Francisco de Sousa e (1997) — *Tomás Campanella e a Cidade do Sol. Subsídios para uma Educação Permanente*. Braga: IEP/UM [Tese de Mestrado — Brochura].

Cidade do Sol e Milenarismo

- DE LUBAC, HENRY (1979 (1^o vol.) e 1981 (2^o vol.)). *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore*. Paris: Lethielleux.
- DELUMEAU, Jean (1997 [1995]). *Mil anos de felicidade. Uma história do paraíso*. Trad. de Augusto Joaquim. Lisboa: Terramar.
- LÖWTH, Karl (1991 [1949]). *O Sentido da História*. Trad. de Maria Georgina Segurado. Lisboa: edições 70.
- MOTTU, H. (1977). *La Manifestation de l'Esprit selon Joacquin de Flore*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- RIHS, Charles (1970). Tommaso Campanella, in *Les Philosophes Utopistes. Le mythe de la cité communautaire en France au XVIII^e siècle*. Paris, Éditions Marcel Rivière et Cie, pp. 291-317.
- ROCCIA, Giulio Bruni (1969). L'Utopia del Campanella e gli Archetipi della Società politica. In *Atti del Convegno Internazionale sul Tema: Campanella e Vico*. Roma: Accademia Nazionale dei Lincei, pp. 181-215.
- SIRONNEAU, Jean-Pierre (1980). Retour du mythe et imaginaire socio-politique. In *Le Retour du Mythe*. Genoble: PUG, pp. 9-28.
- SIRONNEAU, Jean-Pierre (1993). *Figures de L'Imaginaire Religieux et Dérive Idéologique*. Paris: L'Harmattan.